

Gisele Siqueira Corrêa\*

Vanessa Benites Bordin\*\*

## *Adaptação de contos infantis para o teatro e sua relevância educacional*

*Adaptation of children's tales for theater and their educational relevance*

**RESUMO**

Este estudo analisa como as adaptações teatrais impactam o processo de ensino-aprendizagem ao enriquecer a experiência educacional dos estudantes. A pesquisa justifica a integração do teatro nas práticas pedagógicas pela necessidade de proporcionar experiências sensoriais que estimulem a imaginação e a reflexão crítica dos alunos. A metodologia consiste numa revisão bibliográfica que explora a intersecção entre Literatura, Teatro e Educação, analisando teorias sobre a contação de histórias e a formação de espectadores críticos. Os resultados mostram que essas adaptações fomentam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, permitindo uma imersão nas narrativas que vai além do texto escrito. O uso do teatro em sala de aula oferece um espaço para os alunos refletirem sobre questões morais e sociais, promovendo o gosto pela leitura e a formação de leitores críticos. As conclusões indicam que as adaptações teatrais de contos infantis são recursos educacionais eficazes, contribuindo para a formação integral dos alunos e incentivando uma educação mais inclusiva e reflexiva. Portanto, o estudo reafirma a relevância do teatro como um elemento essencial na construção de cidadãos críticos e conscientes na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Contos Infantil; Contos Adaptados; Adaptação Teatral.

**ABSTRACT**

This study analyzes how theatrical adaptations impact the teaching-learning process by enriching students' educational experience. The research justifies the integration of theater into pedagogical practices due to the need to provide sensory experiences that stimulate students' imagination and critical reflection. The methodology consists of a bibliographic review that explores the intersection between Literature, Theater and Education, analyzing theories on storytelling and the formation of critical spectators. The results show that these adaptations foster children's cognitive, emotional and social development, allowing an immersion in narratives that goes beyond the written text. The use of theater in the classroom offers a space for students to reflect on moral and social issues, promoting a taste for reading and the formation of critical readers. The conclusions indicate that theatrical adaptations of children's stories are effective educational resources, contributing to the integral formation of students and encouraging a more inclusive and reflective education. Therefore, the study reaffirms the relevance of theater as an essential element in the construction of critical and conscious citizens in contemporary society.

**Keywords:** Children's Stories; Adapted Stories; Theatrical Adaptation.

## AS ORIGENS DOS CONTOS INFANTIS

Os contos infantis desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças, atuando não só como forma de entretenimento, estimulando a imaginação, a fantasia e a criatividade, mas também se tornaram um poderoso instrumento na educação. De acordo com Lanz (2000, p. 102), “só os autênticos contos populares têm essa função, entre eles os contos dos irmãos Grimm, uma coletânea de velhos contos populares anotados pelos dois grandes cientistas”.

Os contos infantis já existiam na cultura oral muito antes do surgimento da literatura infantil. Cheloa (2006) considera que os contos tiveram sua origem por intermédio da oralidade e costumavam abordar aspectos da vida cotidiana, frequentemente com elementos inventivos e sobrenaturais. Seguindo esta lógica, Lanz (2000) reverbera que os contos infantis têm suas raízes na sabedoria popular e nas tradições orais de muitas culturas no mundo inteiro com o intuito de transmitir lições morais, ensinamentos e valores culturais. Eles eram uma forma de passar adiante conhecimentos importantes e, em muitos casos, alertas sobre perigos e desafios da vida. Ao longo do tempo, é claro, os contos infantis também se tornaram fonte de entretenimento para crianças e adultos:

Estes provêm de uma velha sabedoria popular, e não foram “inventados” e muito menos redigidos com o intuito de divertir crianças. São restos de uma velha mentalidade popular vazada em imagens e não em conceitos. Daí sua atração para as crianças que se acham, na aludida idade, num estado anímico semelhante (Lanz, 2000, p.102).

Para Coelho (1987), a origem dos contos de fadas remota à população celta durante os séculos II a.C. e I da era Cristã, apresentando personagens heroicos e heroínas. Nessa época, as fadas surgiram como maneira de representar o conceito do impossível. Já a literatura infantil, propriamente dita, é considerada a partir da publicação da obra dos irmãos Grimm, que serviram

de inspiração para que pessoas de todo o mundo começassem a escrever histórias para o público infantil. Contudo, segundo o Dicionário de Termos Literários (2018), o primeiro autor a organizar contos de fadas, em um livro, foi o francês Charles Perrault (1967). Seus contos eram adaptados e tinham intuições didáticas, que visavam orientar acerca de sentimentos e comportamentos infantis.

Na perspectiva de Hunt (1995), a palavra “conto” tem sua origem no latim *computus*, que significa “cálculo” ou “contagem”. Posteriormente, o termo evoluiu para *contare*, que significa “contar”, e eventualmente deu origem ao termo “conto” nas línguas romance, que são línguas que se desenvolveram a partir do latim vulgar, ou seja, o latim falado pelos habitantes das províncias do Império Romano, passando a ser associado com narrativas curtas ou histórias contadas. Assim, passou a significar enumeração de fatos, e, por extensão, “história”. Sob este viés, Bettelheim (1996), sugere que são narrativas breves, que apresentam uma sequência de eventos inesperados, plausíveis e naturais, e que tem o poder de estimular a curiosidade do leitor. Portanto, os contos infantis são narrativas curtas com raízes profundas na tradição oral e na literatura folclórica, que ao longo do tempo se tornaram parte integrante da cultura popular em todo o mundo.

## A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O ato de contar histórias, relatar fatos e acontecimentos está intrinsecamente presente em nosso cotidiano. A arte de contar histórias permeia muitos aspectos de nossas vidas, desde situações informais, como compartilhar experiências pessoais com amigos e familiares, até contextos formais, como relatos históricos ou narrativas no ambiente de trabalho:

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento

através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (Kaercher, 2001, p. 83).

Apoiado no pensamento de Kaercher (2001), podemos dizer que a origem da literatura remota aos primórdios da humanidade, quando as histórias eram transmitidas oralmente de geração em geração. Assim, a literatura, nasceu a partir do desejo inato do ser humano de ouvir e compartilhar experiências vivenciadas, bem como expressar sentimentos, pensamentos e sonhos, o que levou à criação de narrativas, que refletiam a complexidade da condição humana. Essas histórias eram fundamentais para a transmissão de conhecimentos e valores culturais, e eventualmente evoluíram para as formas mais sofisticadas de expressão literária que conhecemos hoje. Desta maneira, a contação de histórias foi a forma embrionária da literatura, servindo como a base sobre a qual as diferentes tradições literárias se desenvolveram ao longo dos séculos. “O homem descobriu que a história além de entreter, causava admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contar de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam” (Bernardino, Souza, 2011). Contudo, a insuficiência da comunicação oral para transmitir conhecimentos e preservar a riqueza cultural levou à busca por formas de registro que fossem independentes do tempo e da distância. Desta maneira, sistemas de escrita foram desenvolvidos em diferentes culturas ao redor do mundo, permitindo a preservação e disseminação de informações, mitos, tradições e conquistas humanas:

Antes da escrita, os saberes da humanidade eram transmitidos por meio da oralidade e, à medida que o falar tornou-se insuficiente para expressar e manifestar a cultura de uma sociedade, o homem começou a pensar em materiais palpáveis que organizassem o conhecimento adquirido, isto é, a escrita. Dessa forma, a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte, decorrendo que as histórias foram narradas

a partir de um texto escrito, causando impacto positivo entre os ouvintes, posto que a qualidade dos escritos era melhor elaborada e a multiplicidade dos textos tornou-se mais socializada (Schermack, 2012, p. 01).

Nesta perspectiva, para Schermack (2012), o surgimento e a evolução da escrita estão ligados à necessidade de expressar e manifestar a cultura de uma sociedade de forma mais duradoura e abrangente, tornando a escrita a base sobre a qual a complexidade e a diversidade das culturas puderam ser preservadas e compartilhadas, desempenhando, assim, um papel imprescindível na evolução da humanidade. O autor ainda destaca, que as histórias que são contadas não se limitam apenas a transmitir informações, mas também carregam consigo elementos poéticos, emocionais e simbólico, que tocam não apenas a mente, mas também o coração do ouvinte:

Contar uma história é sempre o ‘revelar de um segredo’. Os ouvintes ingressam na intimidade do narrador, tornando-se depositários dos mistérios e dos saberes que uma história carrega. Não se trata de um saber informativo apenas, mas poético, na base do simbólico, com uma estética que se concretiza na medida em que a performance se desenvolve. Enquanto o contador ordena as informações, através das escolhas linguísticas que realiza, o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo dito pelo narrador, de forma gradativa, vai aproximando-o da plateia (Schermack, 2012, p. 05-06).

O contador de histórias, nesta perspectiva, é um indivíduo que possui a capacidade de envolver e cativar seu público por meio da arte narrativa, exigindo um perfil, que muitas vezes inclui habilidades como empatia, criatividade e uma compreensão mais profunda da natureza humana e que através das narrativas, consiga tocar a alma do ouvinte, despertando-lhe emoções.

As temáticas atemporais e a relevância social dos conteúdos nos contos infantis, Capellini (2008), destaca que os contos infantis têm o poder único de dar a impressão de que são histórias personalizadas, capazes de tocar a individualidade de cada ouvinte, tornando-os atemporais e de suma

importância para quem escuta. Desta forma ao abordar temas universais e aspectos fundamentais da condição humana, os contos conseguem atravessar as barreiras de tempo e espaço, conectando-se de forma íntima com indivíduos de diferentes culturas e gerações:

Os contos têm o poder de suscitar esquemas nos diferentes ouvintes de forma tão singular que deixam a impressão de serem histórias personalizadas, dirigidas a cada um em particular. Desta forma, os contos de fadas tornam-se atemporais e de suma importância à vida de cada ouvinte, seja este criança ou adulto (Capellini, 2008, p. 117).

Sob este prisma, Bettelheim (2007), destaca que nos contos, os problemas infantis são frequentemente abordados de forma atemporal, transportando-os para um espaço distinto, porém tão vívido quanto a realidade infantil. Desta maneira, essas narrativas capturam as complexidades da infância, oferecendo um reflexo das lutas e desafios que as crianças enfrentam em diferentes épocas e contextos culturais. Ao mesmo tempo, ao procurar trazer um desfecho feliz para as situações apresentadas, os contos buscam proporcionar às crianças um senso de realização e um relacionamento sólido e satisfatório com o mundo que as cerca. Assim, os contos permitem que as crianças se identifiquem com os personagens e enredos, passando por obstáculos, que são recursos fundamentais no desenvolvimento humano. Outro autor, que destaca essa atemporalidade dos contos, tornando-o um clássico é Saviani (2003):

Clássico é aquilo que resistiu ao tempo, logo sua validade extrapola o momento em que ele foi proposto. É por isso que a cultura greco-romana é considerada clássica: embora tenha sido produzida na Antiguidade, mantém-se válida, mesmo para as épocas posteriores (Saviani, 2003, p. 101).

Nesta perspectiva, um clássico literário é uma obra que é reconhecida e celebrada por sua relevância duradoura, atemporal e de impacto significativo na literatura e na cultura. Um clássico literário, portanto, transcende

as barreiras do tempo e do espaço, mantendo sua capacidade de ressoar com leitores de diferentes gerações e culturas.

### A PRÁTICA COM OS CONTOS INFANTIS NA ESCOLA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais, que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo de sua trajetória educacional, destaca a importância fundamental de promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir na educação infantil. Ela reconhece o papel essencial da linguagem oral e da escuta atenta no desenvolvimento das habilidades comunicativas e cognitivas das crianças em tenra idade:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores (Brasil, 2017, p. 44).

Além disso, a BNCC (2017), enfatiza que o diálogo e a interação verbal são vitais para a construção do conhecimento, expressão de ideias e sentimentos, e para a participação ativa na vida social e cultural. Assim, as experiências que promovem a fala e a escuta na educação infantil são vistas como meios eficazes para estimular o desenvolvimento da linguagem, da compreensão do mundo e das relações interpessoais, preparando as crianças para uma participação plena e significativa na sociedade. Ela também destaca a importância da imersão da criança na cultura escrita a partir da contação de

histórias como forma de desenvolver a imaginação, a criatividade, a expressão oral e escrita, além de proporcionar o contato com diferentes gêneros textuais:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (Brasil, 2017, p. 44).

Neste pensamento, Cardoso (2016), reforça que a contação de histórias no ambiente escolar permite que as crianças tenham contato com o uso real da escrita, fornecendo a oportunidade de conhecerem novas palavras, discutirem valores, e desenvolverem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico:

A história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança (Cardoso, 2016, p. 08).

Nesta conjuntura, ao se envolverem com narrativas escritas na escola, as crianças são expostas a variados vocabulários e estilos literários, ampliando seu repertório linguístico e incentivando a busca por significados. As histórias, também, proporcionam um espaço para reflexão e diálogo, permitindo que as crianças expressem suas opiniões, desenvolvam empatia e exercitem habilidades de argumentação e análise crítica. A literatura, portanto, de acordo com Coelho (1987), ao encontrar seu lugar na escola, proporciona uma série de efeitos benéficos aos estudantes:

Os estudos de literatura estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significâncias; a consciência do Eu em relação ao Outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente, condição essencial para a plena realidade do ser (Coelho, 1987, p. 3).

Desta maneira, a literatura no ambiente escolar também pode servir como meio para discutir temas atuais e complexos, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Ao integrar a literatura de forma significativa no ambiente escolar, estudantes são incentivados a explorar diferentes perspectivas e aprofundar seu pensamento reflexivo, o que pode impactar positivamente em seu desenvolvimento acadêmico pessoal.

### A FORMAÇÃO DO ALUNO E O TEATRO NA ESCOLA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhece a importância do teatro como linguagem artística para a formação integral dos estudantes, contribuindo para a ampliação do repertório cultural, o desenvolvimento da expressão pessoal, da criatividade e da capacidade de comunicação, bem como para a compreensão e a valorização das diferentes manifestações artísticas. A prática do teatro na escola, permite o exercício da sensibilidade, a experimentação e a fruição estética, promovendo a reflexão sobre questões humanas e sociais. Segundo Koudela (2006, p. 78) “[...] o teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”. Para Japiassu (2001, p. 28), o teatro, “[...] passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório motora, simbólica, afetiva e cognitiva da realidade humana”. Desta maneira, é fundamental que a prática teatral se torne mais abrangente e atuante na escola como uma atividade expressiva e inclusiva. “[...] É necessário essa inquietação e provocação se fazer presente no âmbito da instituição escolar” (Desgranges, 2011, p. 15).

Experimentar o teatro na escola, segundo Spolin (2005), “é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele” (Spolin, 2005, p. 3). É proporcionar uma experiência imersiva que vai além da simples observação, convidando os estudantes a explorar, questionar e compreender de forma profunda as questões humanas e sociais, muitas vezes representadas nas peças teatrais. Desta maneira, “[...] a arte teatral pode e precisa ser acessível a todos” (Desgranges, 2011, p. 36). Contudo, muitas vezes, a visão do teatro na escola é equivocada. “Constata-se que o ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de estudantes e os próprios estudantes como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação” (Japiassu, 2001, p. 23).

É preciso reconhecer a representação como uma necessidade que “[...] desde a infância os homens têm, na sua natureza, uma tendência a representar e uma tendência a sentir prazer com as representações” (Guénon, 2004, p. 18). Desta forma, a participação em representações teatrais pode estimular o prazer pela expressão artística e pelo processo de encenação, proporcionando experiências que contribuem para a formação integral dos estudantes.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DAS ADAPTAÇÕES TEATRAIS DE CONTOS INFANTIS**

As adaptações teatrais de contos infantis têm raízes históricas profundas que remontam aos primórdios do teatro e da tradição oral. Desde tempos imemoriais, as sociedades ao redor do mundo têm compartilhado histórias, mitos e contos populares por meio da expressão teatral, muitas vezes em formas rituais ou ceremoniais. A transposição de contos para o palco teatral permite que essas narrativas ganhem vida de forma visual, auditiva e emocional, proporcionando uma experiência imersiva e sensorial para o público. As adaptações teatrais de contos infantis representam uma abordagem artística que visa trazer à vida as narrativas populares e clássicas,

muitas vezes conhecidas desde a infância, por meio da expressão teatral. “Adaptar é recriar inteiramente o texto, considerado como simples matéria” (Pavis, 2007, p. 10). De acordo Hattnher (2010):

O termo “adaptação” vem sendo usado genericamente em diversas áreas para descrever operações de transformação de textos, entendidos, por um prisma pós-moderno, não só como materiais escritos, mas também como qualquer tentativa de representação em qualquer tipo de suporte. Assim, falamos em adaptação de um romance para um filme, de um romance para uma peça teatral, de um romance para uma narrativa gráfica, e assim por diante (Hattnher, 2010 p. 146).

Para Patrice Pavis (2007), a adaptação geralmente se refere à prática teatral de criar uma nova versão de uma peça existente, seja por meio de alterações no texto original, na encenação, nos elementos cênicos ou em outros aspectos e:

tem por objeto os conteúdos narrativos (a narrativa, a fábula) que são mantidos (mais ou menos fielmente, com diferenças às vezes consideráveis), enquanto a estrutura discursiva conhece uma transformação radical, principalmente pelo fato da passagem a um dispositivo de enunciação inteiramente diferente (Pavis, 2007, p. 10).

Hutcheon (2013) aborda a natureza das adaptações em diferentes formas artísticas, incluindo o teatro. Ela destaca a importância de expandir as fontes originais ao invés de simplesmente fazer cortes. “As adaptações de contos por vezes são obrigadas a expandir as fontes consideravelmente” (Hutcheon, 2013, p. 44). Esse processo de expansão pode incluir a exploração de personagens secundários, a adição de subtramas ou o aprofundamento de elementos temáticos. Ao fazer isso, os adaptadores podem enriquecer e ampliar as histórias adaptadas, criando novas camadas de significado e possibilitando uma participação criativa mais profunda com a obra original. Em essência, ao invés de simplesmente reduzir o material original para que se encaixe em um novo formato, Hutcheon (2013), defende a expansão e a

exploração para oferecer uma experiência adaptada mais rica e envolvente. Quando não se trata de narrativas curtas Pavis (2007, p. 10), reverbera que adaptar uma obra permite uma série de operações textuais:

cortes, reorganizações da narrativa, “abrandamentos” estilísticos, redução do número de personagens ou dos lugares, concentração dramática em alguns momentos fortes, acréscimos e textos externos, montagem e colagem de elementos alheios, modificação de conclusão, modificação da fábula em função do discurso da encenação (Pavis, 2007, p. 10).

Nesta perspectiva, os adaptadores podem enriquecer e ampliar as histórias de maneira criativa. Para Hutcheon (2013), as escolhas desempenham um papel fundamental no processo de adaptação. Ela destaca que os adaptadores fazem uma série de escolhas criativas ao reimaginar uma obra original em um novo meio ou formato:

No ato de adaptar, as escolhas são feitas, como visto, com base em diversos fatores, incluindo convenções de gênero ou mídia, engajamento político e história pessoal e pública. As decisões são feitas num contexto criativo e interpretativo que é ideológico, social, histórico, cultural, pessoal e estético (Hutcheon, 2013, p. 153).

Essas escolhas, portanto, podem envolver decidir quais elementos da obra original serão enfatizados, quais aspectos serão expandidos, quais poderão ser reinterpretados e em que medida o adaptador se manterá fiel a fonte original. As escolhas dos adaptadores são influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo considerações estéticas, narrativas e contextuais, bem como as possibilidades de restrições do meio para o qual a adaptação está sendo feita. Em suma, para Hutcheon (2013) as escolhas feitas pelos adaptadores desempenham um papel crucial na criação de uma nova obra que mantém uma conexão significativa com a fonte original.

Sinisterra (2016), enfatiza a relevância de se abordar questões universais que possam conectar-se com o público de diferentes idades. Ele

acredita que as adaptações teatrais de contos infantis devem ir além do simples entretenimento, explorando temas mais profundos como valores morais, conflitos emocionais e questões sociais pertinentes. O autor entende que ao trazer esses temas para o palco, os espectadores, sejam eles adultos ou crianças, podem se engajar de forma significativa e refletir sobre aspectos essenciais da condição humana. Dessa maneira, as adaptações teatrais se tornam veículos poderosos para transmitir mensagens importantes e estimular a compreensão e empatia nas plateias.

### **CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: A REPRESENTAÇÃO DOS TEMAS NAS ADAPTAÇÕES TEATRAIS DE CONTOS INFANTIS**

A representação dos temas nas adaptações teatrais de contos infantis no contexto contemporâneo tem refletido a evolução das narrativas e dos valores sociais. À medida que a sociedade avança, as produções teatrais adaptam-se para abordar temas relevantes como diversidade, inclusão, empoderamento e sustentabilidade. “Mas o que é tema? É a ideia central ou pensamento dominante que serve de ponto de partida para a estrutura do texto dramático através do qual o autor se expressa” (Reverbel, 1993, p. 12).

A concepção de tema no contexto das adaptações teatrais envolve, portanto, a compreensão de como as adaptações teatrais acompanham as mudanças culturais e sociais, oferecendo ao público infantil e familiar uma experiência enriquecedora e contextualmente atualizada. “É importante atentar para a contemporaneidade das peças, lembrando que as obras-primas do teatro universal, independentemente da época em que foram criadas, são sempre atuais” (Reverbel, 1993, p. 12)

Ao explorar esses contos de maneira contemporânea, os temas ganham relevância e significado para as novas gerações, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre questões importantes da atualidade. “Pode-se dizer, então, que tudo no texto dramático gira em torno de um eixo central,

denominado tema” (Reverbel, 1993, p. 12). Desta maneira, “os temas talvez sejam os elementos da história mais prontamente identificados como adaptáveis entre mídias ou mesmo entre gêneros e contextos” (Hutcheon, 2013, p. 33).

Seger (1992) destaca a importância do tema nas peças de teatro como ideia central que permeia toda a história e fornece o significado e unidade à narrativa. De acordo com a autora, o tema é a essência emocional da peça, e sua clareza e força são fundamentais para cativar a audiência e transmitir uma mensagem impactante. Ela ressalta a importância de explorar profundamente o tema para criar conexões emocionais genuínas com o público e tornar a experiência teatral verdadeiramente memorável e transformadora. Assim, “um manual moderno para adaptadores explica, que os temas são, de fato, de extrema importância para romances e peças de teatro” (Seger, 1992, p. 14).

Para a autora, uma adaptação bem-sucedida deve:

(...) buscar inspiração em várias questões e movimentos sociais atuais, populares e relevantes: a luta contra o uso de armamentos e energia nuclear, o movimento em defesa da preservação do meio ambiente, a tendência de cultivar a boa forma física, e o movimento humanista. A adaptação traz à tona o problema da poluição (...) mostra ainda outros temas fortes, de grande apelo, como a questão da identidade (quem sou eu?), dos valores sociais (quais são as contribuições importantes para a sociedade) e do amor duradouro (Seger, 2007, 92).

Nesta perspectiva, ao se explorar temas relevantes para sociedade contemporânea, pode-se criar conexões significativas com o público, despertando reflexões e promovendo um diálogo importante sobre questões do nosso tempo. Integrar esses elementos são fundamentais nas adaptações teatrais, pois podem não apenas proporcionar uma experiência mais envolvente, mas também contribuir para a relevância e o impacto duradouro das produções. Contudo, Seger (2007) revela que:

Adaptar um tema para uma outra mídia nem sempre é tarefa fácil, pois a maneira de tratar determinado assunto pode diferir de uma pessoa para outra. O processo consiste primeiro em definir o tema,

e depois em encontrar maneiras dramáticas, em vez de literárias, para explorá-lo (Seger, 2007, 172).

Sob esta ótica, adaptar um tema de uma mídia para outra pode ser um desafio significativo. Definir o tema com clareza e compreender sua essência é crucial para garantir uma adaptação bem-sucedida. Encontrar maneiras dramáticas e criativas de explorar o tema na nova mídia, como no teatro, requer habilidades na arte de contar histórias e uma compreensão profunda das nuances do tema em questão. Ao equilibrar a fidelidade ao tema original com a adaptação criativa para a nova forma de arte, é possível criar uma experiência impactante e autêntica no público.

Sinisterra (2016) enfatiza a relevância de se abordar questões universais que possam conectar-se com públicos de diferentes idades. Ele acredita que as adaptações teatrais de contos infantis devem ir além do simples entretenimento, explorando temas mais profundos como valores morais, conflitos emocionais e questões sociais pertinentes. O autor entende que ao trazer esses temas para o palco, os espectadores, sejam eles adultos ou crianças, podem engajar de forma significativa e refletir sobre aspectos essenciais da condição humana. Dessa maneira, as adaptações teatrais se tornam veículos poderosos para transmitir mensagens importantes e estimular a compreensão e empatia no público.

## O IMPACTO DAS ADAPTAÇÕES TEATRAIS DE CONTOS INFANTIS NA EDUCAÇÃO

A literatura e o teatro são “dois campos do conhecimento que são próximos, dialogam e que nem sempre são colocados lado a lado” (Dias e Medeiros, 2018, p. 7). Contudo, a união da literatura e do teatro pode trazer resultados significativos para o processo ensino-aprendizagem. As adaptações teatrais de contos infantis podem ser um eficiente recurso de aproximação entre essas áreas de conhecimento, enriquecendo a experiência educacional dos

estudantes, proporcionando uma experiência sensorial única, envolvendo as crianças em uma narrativa viva e palpável, que pode inspirar discussões e atividades educativas após a apresentação da peça teatral, uma vez que “são propulsores de questionamentos e provocações para os leitores e espectadores” (Dias e Medeiros, 2018, p. 7). Dessa forma, as adaptações teatrais de contos infantis têm um impacto significativo na educação, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças:

[...] as adaptações para jovens leitores servem para apresentar este público ao seu universo e, consequentemente, para disseminar sua importância para a sociedade na qual os leitores se inserem. Isto se faz com incentivo à leitura por parte dos professores e também dos responsáveis desses alunos, os quais devem estimular os estudantes a buscarem a biblioteca e conhecerem obras e autores do gênero, para que recebam uma boa adaptação (Neres, 2014, p. 44-45).

Assim, ao incorporar elementos teatrais à literatura, os estudantes têm oportunidades de explorar de forma mais profunda as nuances das narrativas, compreendendo não apenas os elementos textuais, mas também as emoções e conflitos das personagens. O trabalho com as adaptações teatrais de contos infantis, oferece uma maneira empolgante e envolvente de transmitir mensagens e ensinamentos às crianças. Ao trazer essas narrativas para o palco, as adaptações estimulam a imaginação, promovem a alfabetização emocional e incentivam a reflexão sobre questões morais e sociais. É preciso, portanto, tornar a escola um espaço de integração e conexão entre essas diferentes formas de expressão artística:

O teatro tem sido, desde as culturas mais antigas, uma fonte de cultura e educação, tanto para quem interpreta como para os que o frequenta. Apesar disso, os educadores e a escola não têm incentivado nem o teatro feito pelos adultos, muito menos o feito pelos alunos como atividade escolar (Cunha, 1998, p. 135).

Para Cunha (1998) a ausência do teatro na educação apresenta uma lacuna significativa no desenvolvimento dos estudantes, sendo essencial que os

educadores reconheçam a sua importância e busquem integrá-lo de forma mais frequente em suas práticas pedagógicas. Nesta linha de pensamento, Desgranges (2003) destaca a importância de promover a formação de espectadores críticos entre os alunos, não apenas no contexto teatral, mas também em relação ao mundo ao seu redor:

Parece-me que a escola, enquanto espaço eminentemente pedagógico, mesmo que todas as instâncias percorridas e ocupadas pelo sujeito atuem pedagogicamente na formação de suas identidades e subjetividades, ainda não assumiu a necessidade de formar seus alunos também como espectadores, seja do teatro como dos tantos artefatos audiovisuais veiculados pela mídia, dos tantos “espetáculos” que fazem parte da cotidianidade contemporânea, ignorando que “formar espectadores consiste também em estimular os indivíduos (de todas as idades) a ocupar o seu lugar não somente no teatro, mas no mundo” (Desgranges, 2003, p. 17).

Para Desgranges (2003), estimular os estudantes a ocupar seu lugar como espectadores atentos e críticos não apenas no teatro, mas também em outras esferas da sociedade é um aspecto fundamental da educação contemporânea. Ao desenvolver habilidades de análise, compreensão e apreciação artística, os alunos podem aprimorar sua capacidade de discernir e interpretar efetivamente mensagens e significados por trás das peças teatrais, bem como em outras formas de expressão cultural e social. Essa formação contribui para a educação de cidadãos mais engajados e reflexivos, capazes de participar ativamente do mundo como membros informados e conscientes da sociedade. Ferreira (2006) faz uma crítica sobre necessidade das escolas formarem plateias ativas e conscientes capazes de analisar criticamente um espetáculo:

A assistência a espetáculos surge como uma possibilidade de aula extraclasse, momento de festa e alegria, porém sempre em favor dos objetivos didático-pedagógicos da escola. Questões como a apreciação estética, a formação de plateias ativas e conscientes e análise crítica dos espetáculos passam muito longe do horizonte de expectativas da maioria dos professores e coordenadores pedagógicos em relação ao teatro ao qual os alunos assistem e

ao valor que estas experiências podem ter na vivência destes (Ferreira, 2006, p. 17).

De acordo com Galo (2010), outra questão a ser considerada em relação à aplicação das adaptações no ensino é o contato dos leitores com a obra quadrinizada. A aplicação desse tipo de adaptações no ensino apresenta uma abordagem inovadora para a aproximar o público infantil dos livros:

Como afirmado, as obras literárias adaptadas têm o objetivo de aproximar o público de livros dos quais já ouviram falar, mas nunca leram, servindo também como convite à leitura da obra original, estimulando a formação de leitores. Assim como os quadrinhos pertencem à mídia impressa, as adaptações das obras clássicas assemelham-se ao livro, o que pode criar entre leitor e livro certa intimidade em relação ao manuseio, além de favorecer o gosto pela leitura (Galo, 2010, p. 38).

Portanto, segundo Galo (2010), a combinação de elementos visuais e textuais nos quadrinhos oferece uma experiência única de leitura, capacitando os alunos a absorver a narrativa de maneira mais imersiva e cativante. Além disso, os quadrinhos estimulam a imaginação, promovem habilidades de interpretação visual e textual. Assim, ao incorporar adaptações quadrinizada no ensino, os educadores podem não apenas fomentar o gosto pela leitura entre os alunos, mas também ampliar o acesso a narrativas diversas e enriquecedoras, contribuindo para a formação de leitores críticos e atuantes na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo nos mostrou que os contos infantis desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças, atuando não só como forma de entretenimento, estimulando a imaginação, a fantasia e a criatividade, mas também se tornaram um poderoso instrumento na educação. Vimos que os contos infantis são narrativas curtas com raízes profundas na tradição oral e na

literatura folclórica, que ao longo do tempo se tornaram parte integrante da cultura popular em todo o mundo.

Ao se envolverem com narrativas escritas na escola, as crianças são expostas a variados vocabulários e estilos literários, ampliando seu repertório linguístico e incentivando a busca por significados. A contação de histórias em sala de aula permite um espaço para reflexão e diálogo, possibilitando que os estudantes expressem suas opiniões, desenvolvam empatia e exercitem habilidades de argumentação e análise crítica. A integração entre literatura e teatro de forma significativa no ambiente escolar, proporciona aos estudantes uma experiência imersiva que vai além da simples observação, convidando-o a explorar, questionar e compreender de forma profunda as questões humanas e sociais, muitas vezes representadas nas peças teatrais. Dessa forma, os estudantes são incentivados a explorar diferentes perspectivas e aprofundar seu pensamento reflexivo, o que pode impactar positivamente em seu desenvolvimento acadêmico pessoal.

O trabalho com as adaptações teatrais de contos infantis em sala de aula possibilita a exploração de temas que sejam significativos para a contemporaneidade, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre questões importantes da atualidade, tornando-se uma maneira poderosa de transmitir valores e ensinamentos atemporais às crianças.

Ao longo da revisão bibliográfica, foi possível observar a importância dos contos infantis, da prática da contação de histórias e da literatura infantil como bases fundamentais para a compreensão dos temas presentes nestas narrativas. A atemporalidade e a relevância social dos temas abordados nos contos infantis se mostram essenciais para a formação integral dos alunos, tendo como aliado o teatro na escola, que oferece uma abordagem lúdica e interativa para o desenvolvimento dos estudantes. O impacto dessas adaptações na educação é notável, pois oferecem um meio dinâmico de envolver os alunos, promovendo a reflexão, a criatividade e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Portanto, é inegável a importância das adaptações teatrais de contos infantis como ferramenta educacional, capaz de enriquecer a experiência de aprendizado dos alunos e contribuir para sua formação como cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.** Educare et educare revista de educação. São Paulo, v 06, n°12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 18 / 01 /2024.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. Arlete Caetano, 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versa oinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versa oinal_site.pdf). Acesso em: 11/02/2024 às 19:37
- CAPELLINI, M.V.L. **Era uma vez...os contos de fadas e a alfabetização.** In. Antônio Júnior, Wagner (org.). Faces das práticas inovadoras: da creche aos anos iniciais da alfabetização. Bauru, SP: Canal 6, 2008.
- CHELOA, M.L.B.V. **Quem conta um conto.** In: Carvalho, M.A.F.; MENDONÇA (org) Práticas de leitura e escrita. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto\\_ple.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf) Acesso em: 11/02/2024.
- COELHO, N.N. **O conto de fadas.** São Paulo: Editora Ática, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil:** História-Teoria-Análise. Ed.4. São Paulo: Quiron, 1987.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática.** São Paulo: 1998.
- DESGRANGES, Flávio. **Formação de espectadores:** a relevância da questão e os procedimentos pedagógicos utilizados. In: Anais do Seminário Nacional de Arte Educação. Montenegro: FUNDARTE, 2003. p. 16-24.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo.** Hucitec, 2010.

DIAS, André; MEDEIROS, Elen de. (org.). **Literatura e teatro: encenações da existência.** Niterói : Eduff, 2018.

FERREIRA, Tais. **A escola no teatro e o teatro na escola** - Porto Alegre : Mediação, 2006. 128 p.- (Coleção Educação e Arte ; v.6)

GALO, Regina Aranda da Cruz. **Dos Livros para os Quadrinhos:** as Quadrinizações de Obras Literárias na Sala de Aula. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, Londrina, v. 11, n. 2, p. 33-31, out. 2010.

GUÉNOUN, Denis. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

HATTNHER, Alvaro Luiz. **Quem mexeu no meu texto?** Observações sobre Literatura e sua adaptação para outros suportes textuais. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.16, 2010 p.145-155.

HUNT, Peter. **Children's Literature: An Illustrated History.** New York: Oxford University Press, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução de André Cechinel. 2. ed - Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

JACINTO, S.; CEIA C. **E-Dicionário dos Termos Literários.** 2018. Disponível em: <http://www.edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/conto-de-fadas>. Acesso em 06 / 02 / 2024.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro.** 8. ed. São Paulo: Ed. Papi-rus, 2001.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **E Por Falar em Literatura.** In: CRAIDY, Car-mem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano.** São Paulo: Antroposófica, 7.ed., 2000.

NERES, Gregory Oliveira. **As adaptações literárias de clássicos para jovens leitores: o caso da Editora Abril.** 2014. 91 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NERES, Gregory Oliveira. **As adaptações literárias de clássicos para jovens leitores:** o caso da editora abril. 2014. 91 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 96 p Traduzido por Caio Moreira)

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

REVERBEL, Olga. **O texto no palco.** - Porto Alegre : Kuarup, 1993.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia:** teoria da educação, curvatura da vara, onze teses da educação política. 36 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SCHERMACK, Keila de Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital:** convivência em mundos de encantamento. 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>>. Acesso em: 20/01/ 2024.

SEGER, Linda. **A arte da adaptação:** como transformar fatos e ficção em filme / Linda Seger; tradução [de] Andrea Netto Mariz. - São Paulo: bossa Nova, 2007.

SINISTERRA, José Sanchis. **Da literatura ao palco:** dramaturgia de textos narrativos: tradução Antonio Fernando Borges. – 1. ed. – São Paulo: É Realizações, 2016.

SPOLIN, Viola. **Improvização para o teatro.** São Paulo: Perspectiva.

---

\*Gisele Siqueira Corrêa é professora da Rede Estadual de Ensino - SEDUC / AM. Dramaturga e Pesquisadora de Teatro. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras

e Artes da Universidade do Estado do Amazonas - PPGLA/UEA. Bolsista e Consultora Ad Hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa FAPEAM.

\*\***Vanessa Benites Bordin** é professora Adjunta do Curso de Teatro e da Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas - PPGLA/UEA. Doutora e Mestra pela Universidade de São Paulo. Atriz / Performer, Diretora Teatral e Contadora de Histórias.

Recebido em 19 de março de 2024

Aprovado em 14 de dezembro de 2024